Foto: Daniel Choma.

Entrevista com

Catarina Ondina de Aguiar

FICHA TÉCNICA
Local da entrevista: Residência da entrevistada, Ribeirão da Ilha (Freguesia), Florianópolis - SC.
Data: 19 de fevereiro de 2018.
Participantes: Tati Costa (entrevista e captação de som); Daniel Choma (entrevista e câmera).
Projeto de origem: Ribeirão Foto Sensível.
Parcerias do projeto Ribeirão Foto Sensível (2018): Câmara Clara; Ecomuseu do Ribeirão da Ilha; Sociedade Musical e Recreativa Lapa; Conselho Comunitário do Ribeirão da Ilha; Grupo de Idosos do Conselho Comunitário do Ribeirão da Ilha; Escola Estadual EEB Dom Jaime de Barros Câmara; Paróquia Nossa Senhora da Lapa (Matriz da Freguesia do Ribeirão da Ilha); Casa da Memória – Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes; Setor de Coleções Especiais, Biblioteca Universitária, Campus Florianópolis - UFSC; Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral - UFSC; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Superintendência em Santa Catarina; Fundação Catarinense de Cultura; Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte - Governo do Estado de Santa Catarina; Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural; Ministério da Cultura - Governo Federal
Transcrição da entrevista para projeto Memória Rendeira (2021): Tati Costa | Editoração: Daniel Choma

MEMÓRIA RENDEIRA

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio e paisagem cultural - Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.

Projeto: Apoio: Realização:

TATI – A senhora nasceu onde?

CATARINA – Aqui mesmo, em Florianópolis.

TATI – Nasceu em casa ou na maternidade?

CATARINA – Não, maternidade. Na Maternidade Carlos Correa, há 72 anos atrás! *[Sorri]* É bom, não é?

TATI – E sua mãe e seu pai também eram daqui?

CATARINA – Sim, eram daqui, só que já faleceram. Minha mãe vai fazer sete anos que faleceu, agora em agosto. A gente sente uma saudade. Fazer o quê?

[Corte]

CATARINA – É como falei pra você, eu não era das senhoras mais antigas, porque tenho só 72 anos. Então o que eu sei, do meu tempo, vou falar pra ti. Como era no nosso tempo, que me criei, até agora, tá? Porque no meu tempo, quando a gente era mocinha, Zé Pereira não existia. Era um vizinho que tocava o violão no meio do caminho e a gente saía pulando, cantando junto com ele, pra baixo e pra cima, pra se divertir. Naquele tempo não existia droga, era muito calmo, era muito bom. Eu era muito dançadeira, adorava dançar. Quando a gente ia pro salão dançar, a minha mãe, chegava onze horas, meia noite, mandava vir embora. Eu chorava tanto, ela brigava um monte comigo. Porque para sair pra bailes, alguma festa, tinha que ter uma companheira, uma pessoa que tomasse conta de nós. Se não tivesse ela não deixava a gente sair pra lugar nenhum. Naquele tempo os filhos, os primeiros, ainda obedeciam muito os pais. Mas, de um tempo pra cá, eles já não ligam mais pros pais, não obedecem mais. Os pais falam, pra ele é a mesma coisa. Hoje em dia tem muita droga. Existe sim, existem muitas pessoas, muitos pais sofrendo com os filhos que vivem em droga. Eu me criei fazendo renda. Quando noivei - tinha um namoradinho, depois de dois anos noivei-, fiz o meu enxoval todo na renda. Vendendo renda, fazendo renda pra gente comprar o enxoval. Naquele tempo o marido trabalhava, mulher não. Mulher não trabalhava, são mais racista: eu posso trabalhar porque sou homem e a mulher fica em casa lavando louça, fazendo comida, lavando roupa, essas coisas. Ele não deixava eu trabalhar fora, ele que tinha que trabalhar. Tudo bem. Televisão não existia, ia dormir cedo, arrumei foi quatro filhos! *[Risos]* É bem assim, sabe? Criaram tudo bem, com saúde, graças a Deus. Aí ele morreu cedo também, o primeiro marido morreu cedo, com 43 anos. Depois de quatro anos que eu estava viúva arrumei outro companheiro. Trabalhava comigo, já peguei um emprego ali no Centro Social mesmo, ele era divorciado, já estou há 36 anos com ele. No meu tempo, de uns anos pra cá, as coisas mudam muito. Mudaram muito, muito... Porque não era como a gente, assim que casou, as coisas eram mais simples. Naquele tempo também não tinha ônibus. Hoje está mais fácil porque tem ônibus. Naquele tempo, pra ir pro centro, ia de lancha até a Prainha. Da Prainha, ir para um médico ou hospital, não sei se tu escutaste falar em carro de praça? Carro de praça era tipo de uma carrocinha com dois cavalos. Ali eles pegavam os doentes na praia e levavam até o hospital. Comigo foi uma vez, tinha que fazer uma cirurgia na garganta, problema de amídalas, de ônibus não tinha, então tivemos que ir de lancha, saltar na Prainha e de lá esse carro de praça nos pegou. Táxi não existia, pois o táxi da praça era esse cavalinho

que tinha, carro de praça. Naquele tempo foi assim, depois foi melhorando... Só que pra outras coisas piorou, porque a gente cria os filhos, quer o bem deles, que eles deem boas pessoas. Não tenho queixa dos meus filhos, são todos muito respeitados, vivem muito bem. Mas hoje em dia não são mais como era antigamente. Antigamente era bem melhor, escuto muitas mães falando dos filhos. Tenho um neto também, morou comigo muitos anos, agora casou, tem um filhinho, vivia sempre na droga. A mãe foi-se embora, o pai não quis ele dentro de casa, jogou pra mim, eu que criei ele. Hoje, graças a Deus, fui batalhando, fui ensinando ele o que é a vida e ele então, graças a Deus, saiu dessa vida, agora está muito bem. Está trabalhando, cuida bem do filhinho. Às vezes, quando ele está desempregado, a mulher trabalha, ele fica cuidando do filho, está ótimo. Porque quando as coisas vão bem a gente agradece a Deus todos os dias. Tenho uma filha com 35 anos que é desse segundo marido. Ela trabalha na Casan lá do Estreito. Essa me respeita muito, me adora, porque é a última de todas. Fico doente, ela aparece, pensa que já vou morrer, quer ficar do meu lado com medo, pensa que não vou respirar mais, que já estou morrendo, bem cuidadosa. Muito boa filha, sabe? E as outras também são boas filhas, tenho três mulheres e dois homens. Uma mora aqui do lado, está trabalhando, mas são pessoas boas. Agora, nossa comunidade, o que está faltando? Nossa comunidade está faltando açougue, que não tem. Tem farmácia agora, um pouquinho longe, mas tem uma farmacinha. Na época que me criei não tinha supermercado. Minha mãe abriu uma vendinha, vendia carne seca, um açúcar, um feijão. Era assim, sabe? Arroz, coisinha pouca, só os básicos.

TATI - Onde era?

CATARINA - Era bem ali, minha irmã mora ali, bem aqui na frente de casa.

TATI – Qual o nome da sua mãe?

CATARINA – Ondina.

DANIEL – O que mais tinha na venda?

CATARINA - Na venda tinha farinha - ela botava pra vender -, era carne seca, farinha, arroz, feijão, batata também tinha. Ela vendia muito ali na vendinha dela. Depois foi melhorando mais a vendinha, foi botando mais coisas, passou para uma casinha ali do lado, aumentou mais a venda e foi vendendo de tudo: bolacha, bala, batata, açúcar, arroz, feijão, macarrão. Tudo que é básico pra gente viver, só não tinha carne verde.

DANIEL- O que eram as brincadeiras da sua infância?

CATARINA – A brincadeira da nossa infância: era ratoeira. Época de festa junina era uma maravilha linda, a gente vivia nos terrenos dos outros roubando pau seco pra fazer a fogueira. Aí tinha aquela fogueira, a gente assava batata doce, era o aipim que a gente comia, melado pra comer. Cantava muita ratoeira, era muito bom, muito divertido. Eu tinha um namorado, era muito levado, eu já tinha terminado com ele, sabe? Aí fizemos uma ratoeira, quando eu vi que ele estava chegando, cantei um versinho pra ele. Cantei bem assim: "Lá vem a perna cambada, lá vem o nariz torcido, lá vem o provoca moça, lá vem o aborrecido". Ele pegou o diabinho doido e acendeu o diabinho doido, foi bem na minha direção. E eu não queimei a minha anágua? E acabei casando com ele ainda! Ainda casei com ele! Casei com ele, tinha terminado nessa época, depois voltamos de novo, aí casei com ele. De vez em quando eu tocava nesse assunto com ele: "Tu viste o que tu fizeste,

queimaste a minha anágua toda!" Mas era muito bom, muito divertido, naquele tempo era muito divertido. Agora, de uns anos pra cá não tem mais isso, não tem mais ratoeira, não tem mais fogueira. Criei minhas filhas... Tu vê que eu fui criada fazendo renda, minhas filhas não foram uma que quiseram fazer renda. Que quisesse ensinar para fazer, não quiseram. Fui trabalhar fora, eu já tinha quatro filhos, quase quarenta anos. Hoje com dezessete, dezoito anos elas arranjam emprego, não querem fazer renda de jeito nenhum. Nosso tempo era bem assim, sabe? Era uma coisa bem amigável, bem juntas, amigas, onde uma ia a outra ia junto, bem unidas. Hoje em dia não, mal cumprimenta uma a outra e pronto. Amiga só na hora ali e pronto, depois cada um pra sua casa, bem assim.

TATI - A senhora se casou em que ano?

CATARINA - Eu casei, estava com dezenove anos. Nasci em 1945... Acho que foi no ano de 1966... Não, em 66 nasceu essa filha. Foi 1965, se não me engano, quando me casei.

TATI - Casou aqui no Ribeirão mesmo?

CATARINA - Foi, aqui no Ribeirão, na nossa igreja, Nossa Senhora da Lapa.

DANIEL - Teve que fugir pra casar?

CATARINA – Não! *[Sorri].* Eu noivei e casei, casamento bonito! É, tem gente que foge, tem uma porção delas aqui, fugiram. Mas é assim!

[Corte]

[Vê fotos do Ribeirão da Ilha]

CATARINA - O Ribeirão. Eu morava, quando era solteira, em uma casinha... Espera aí, deixa ver se está aqui nessa foto. Essa é daqui mesmo? Do Ribeirão mesmo? Essa aqui, era a casa da minha avó. Naquele tempo era muito bom mesmo, pé de figueira... Aqui é a Intendência. Aqui eu trabalhei 27 anos, na Intendência aqui do Ribeirão.

TATI - O que a senhora fazia?

CATARINA - Eu era telefonista, 27 anos. Depois tem a casa da Ivonira, que é do nosso grupo também. Dona Zelma, tem uma aqui parecida, será que é ela? Ficou lindo, não é? Cores lindas, uma cor muito linda! É isso aí, minha filha, sei que naquele tempo as coisas eram mais calmas... Aqui já era mais pra lá... Meu genro, esse que mora aqui, tem uma porção de fotos antigas, mas ele está trabalhando, senão tinha pego pra mostrar pra vocês... Se quiseres eu pego, quando voltar, se quiseres aparecer ali entrego pra ti as fotos. Tem uma porção de gente antiga. Olha só, essa lancha, me lembro tão bem! Não tinha quase ônibus, a gente queria ir dançar na Costeira, tinha festa, ia lá dançar. Pra ir, ou vai a pé, ou então ia de lancha. Esse primeiro marido, que depois namorei, aqui não estava de namoro com ele, mas ele me dava um colinho, eu gostava tanto, pra saltar da lancha! A gente ia de lancha pros lugares, pra procissão que tinha, Nossa Senhora dos Navegantes, pras festas aqui embaixo, na Caieira e na Costeira, ia tudo de lancha. Naquele tempo existia isso, agora não tem mais. A nossa igreja lá em cima, olha. Muito bonita! As casas de antigamente, rancho de canoa... Estou desconfiada que esse rancho é um que tinha aqui perto da minha casa. Ali eles botavam espinhel pra pegar bagre, botavam a rede quando chegava época de pegar corvina, matava muito peixe, naquele tempo tinha muito peixe. Agora, de uns tempos pra cá acabou tudo, não querem mais nada. Tem uns que não querem estudar e nem querem trabalhar. Tem outros que querem trabalhar e não

conseguem emprego. Tem que comer, tem que beber, tem que vestir, às vezes têm filhos pra criar. Mas naquele nosso tempo não tinha isso. A gente era pobre, mas nunca faltou nada porque tinha o peixe, tinha o camarão. Camarão, peixe, marisco, vendiam muito marisco lá no centro, na Prainha, se viravam em tudo que queriam. Mas hoje em dia tiram peixe bem ralo. Marisco não tiraram mais, vão vender marisco como? Aí a família também passa necessidade, mas naquele tempo era assim mesmo...

DANIEL - E o que mais comia diariamente, naquela época?

CATARINA - Era o peixe, comia muito, como estou falando pra vocês: marisco... Carne e frango era só final de semana. Carne seca se comia também bastante, na época era bem barato. Hoje é cara, vinte e poucos reais um quilo de carne seca. Mas naquele tempo não, era bem mais em conta, bem mais barato, a gente comia bastante carne seca. E bastante peixe, marisco, ostra. Ia nas praias tirar ostra. Hoje já não tem mais na praia, é no cultivo. Eles fazem cultivo pra poder ter ostra pra vender. Carne e frango era só final de semana, pra poder fazer uma comidinha melhor. Tinha eleição, naquela época era muito bom porque eles faziam picadinho de carne. O pessoal ia votar, já ia àquela casa que estava fazendo aquele almoço todo pra dar pro pessoal. Naquele tempo era assim, há muitos anos já, saía de votar ia pra casa almoçar. Fazia aquela mesa cheia pra todo mundo que chegasse. Era só picadinho de carne com arroz e feijão, acabou! Já era uma coisa muito boa, a gente comia, mas depois pronto, foram indo, acabaram com isso, não teve mais. Muda tudo, vai passando o tempo e as coisas mudando...

DANIEL - Tinha lavoura de café aqui?

CATARINA - Pois é, lavoura de café não é muito do meu tempo. Eu ouvia falar nessa lavoura de café, tinha seu Norberto, parece, da dona Chiquinha, eles moíam o café pra vender. Eu sei que aqui do lado, sem ser essa casa, a outra, era do meu avô o terreno, tinha muito pé de café. Quando amadurecia o café a gente apanhava, botava tudo dentro de um caixote e vendia o café. Isso ainda me lembro. A gente apanhava o café junto com meu avô, pra vender. Mas esse negócio de fábrica mesmo não tenho lembrança aqui. *[Olha foto]* A banda de música, a banda nossa, do pessoal. Antigamente eles tocavam muito, pra tudo era a banda de música, essa banda é a Nossa Senhora da Lapa. Hoje em dia, se não pagar eles não tocam. A nossa festa, a procissão, eles hoje ainda tocam. A procissão da Nossa Senhora da Lapa, tocam a procissão da Semana Santa, que é a procissão do Senhor Morto, mas também tem que pagar um pouquinho. A banda da comunidade tem esse nome de Nossa Senhora da Lapa... *[Observando a foto]* Quantos anos... A maioria daqui já morreram todos, muitos anos, já se foram, coitadinhos... Essa aqui é com a nossa igreja, bem essa mesma, é verdade! Aqui está o Agenor, está o Dalmiro, que são os dois pretinhos. Está o Mário, que morava lá em cima. O Nelson... Não sei se é o Milton, está parecido... Tatinha, o nome dele era Mauri, parece, uma coisa assim. Já foram quase todos. Mas nossa igreja bem própria, é ela mesmo.

DANIEL - E se lembra de músicas que a senhora gostava?

CATARINA - De música?

DANIEL - Que a banda tocava...

CATARINA - Sim, a música que eu gostava muito era tocada em procissão, eles tocavam, a Banda da Nossa Senhora da Lapa, não me lembro mais. E no baile tinha muita música, porque no tempo que ia pro baile não era aparelho de som. Era instrumento mesmo de boca: o clarinete, trombone, piston, tudo isso aí. De noite no salão, uma noite bem calma,

era um céu aberto, coisa mais linda. É onde eu chorava um monte dormindo, deitada na cama, escutando. Morava bem pertinho do clube, como eu chorava que queria dançar e não podia, porque a mãe não deixava, era uma tristeza! O baile começava às dez horas, onze horas, meia noite já tinha vindo embora. Aí tu arranjas um namoradinho, fica mais contente no baile, quer ficar mais um tempinho, minha mãe não deixa, vem embora. Mas muitas músicas não me lembro mais que eles tocavam.

DANIEL - Tinha dois clubes aqui, como era?

CATARINA - Tinha, primeiro começou um clube só - hoje é uma casa, uma residência -, só pra branco, só pessoas brancas que dançavam ali. Depois botaram outra casa, um salão - hoje é a paróquia dos padres-, foi o salão dos pretos. Naquele tempo era racismo: porque branco é branco, preto é preto, não misturava os dois, junto não. Depois foi mudando as coisas, melhorou, aí botaram tudo junto. Não sei se entenderam que não adiantava fazer isso, botaram os dois juntos, os pretos com os brancos dançavam junto no salão. Era muito bom. Fazia fantasia, bloco de carnaval, uma maravilha. Divertimento, a gente dançava dentro do salão. Era fogos pra todo lado, bem divertido mesmo. Depois tu casas, tem filhos, aí não sai mais... Ficando velha, só criando filho. Depois de velha, tu quer sair, fica doente, aparece uma dor aqui, uma dor ali, não sai mais porque não tem mais condições de sair. Mas enquanto for nova, vai aproveitar bastante a vida porque é muito bom. Eu gosto muito de baile, toda vida. Final de ano, aqui na minha casa, Natal, entrada do ano novo, eles botam som, sou a primeira que sai dançando! *[Risos]* Eu sou a primeira que danço! Festa junina a gente faz aqui, eu digo: "- O que vocês estão fazendo sentadas, vamos dançar quadrilha! Bota quadrilha pra nós dançar!" Eles botam a quadrilha, eu puxo todo mundo e todo mundo dança e se diverte. Tem que ser assim, não adianta, porque a vida da gente também é curta. Hoje estamos aqui, só Deus sabe o dia de amanhã. Adoro!

DANIEL - Como eram os carnavais aqui, de antigamente?

CATARINA – Pois é, antigamente era o carnaval do Zé Pereira que tinha na rua, mas não era com instrumento... Eles também faziam pela rua umas brincadeiras de carnaval. Eu dancei muito com um senhor, ele era mulatinho, pegava um violão, saía na frente. E nós, as meninas, pulando e dançando com ele, ele na frente e nós atrás, de mãos dadas uma com a outra, saía pulando, se divertindo aquele tempo. Depois, com muito tempo começou esse Zé Pereira. Todo domingo, um domingo antes do carnaval, eles faziam Zé Pereira. Fizeram Zé Pereira até dois anos atrás. Aí já não é mais divertimento, entendeste? Já é negócio de comércio, porque é barraca, coisas pra vender, bebida, droga, é muita coisa...

DANIEL – Lembra alguma coisa? *[Mostra foto]*

CATARINA – Ah, carro de carnaval. Não é do meu tempo. Tinha uma senhora do grupo dos idosos, ela contava essa história, dona Nilza. Ela saiu no carro de carnaval, faziam aqui carro de carnaval e ela se vestia, fantasiada... Era puxada num cavalinho, não é? O carro, isso mesmo, ela contava muito isso pra nós. Tinha carro de carnaval, mas eu nunca vi, não me lembro de ver esses carros de carnaval. Diz que dona Nilza era uma mulher muito bonita, uma senhora muito bonitona, sabe? Botavam ela no carro de carnaval, ela cantava em cima do carro, era muito bonito, mas não foi do meu tempo. Isso aqui deve ser uns noventa e poucos anos atrás. Isso mesmo!

DANIEL - Essa te lembra alguma coisa? *[Apresenta outra foto]*

CATARINA - Vamos ver... Não, essa não me lembro. Essa senhora faz renda. Eu fui criada na renda também.

TATI - Aprendeu como?

CATARINA - Aprendi com minha mãe. Ela que me ensinou a fazer renda, tinha sete anos. Todas as minhas irmãs aprenderam a fazer renda com ela quando tinha sete anos. Aos sete anos ela botava nós na renda, ia ensinando. Mas essa senhora não me lembro. Talvez não seja daqui, seja em outro lugar? Vão muito pra lá, a Lagoa, o Campeche, aquele lado de lá.

DANIEL - Mas era muito comum essa cena?

CATARINA - Sim, muito comum, claro, fazendo renda. Hoje elas fazem renda ainda, tem muitas que fazem renda pra vender. Do lado do Centro Social tem o artesanato, ali tem pessoas que estão fazendo renda.

[Visualiza outra fotografia]

CATARINA – Aqui é a igreja. Não é aqui, nossa igreja nunca foi assim.

DANIEL – É uma escola.

CATARINA – É uma escola, eu pensando que eram os balcões da igreja. Era aqui? Não era aqui.

TATI – A senhora estudou?

CATARINA - Estudei até o quarto ano primário.

TATI - Aqui?

CATARINA - Não tinha mais nada, era só até o quarto ano. Aí disse pra minha mãe: agora quero estudar, quero ir lá pro Saco dos Limões, lá tinha o Dom Jaime de Barros Câmara e eu queria tirar a oitava série, o segundo ano, terceiro. Ela disse pra mim que eu não ia porque amanhã, ou depois, arranjava um namorado, ia casar, não ia adiantar ela gastar comigo no estudo... De fato, ela acertou porque me casei cedo, casei com dezenove anos, mas estudei aqui. *[Observa a foto]* Não tem ninguém aqui que conheço.

TATI – A senhora falou: Dom Jaime, é daqui?

CATARINA - Tinha daqui e tinha lá no Saco dos Limões também, tinha duas.

DANIEL - Pra lá [no sentido da Caieira da Barra do Sul] não tinha escola?

CATARINA - Pra lá não tinha escola, agora tem. Tem na Caieira, na Costeira [do Ribeirão], uma porção de lugar tem.

DANIEL - Esse conjunto aqui, você chegou a conhecer? *[Mostra foto de conjunto musical]*

CATARINA - Conjunto aqui, não. Tinha uma senhora, ela morreu faz um ano, Anita, mas não estou achando parecida com ela. Ela cantava muito Terno de Reis, uma porção de coisas. Cantava muito pelas portas, mas ela não está aqui. Talvez seja lá pra Santo Antônio de

Lisboa, praquele lado de lá tocam muito essas coisas também, passa na televisão uma porção delas.

DANIEL - E Bandeira do Divino?

CATARINA - Bandeira do Divino toda vida teve. Minha irmã faz uns dez anos que foi imperadora, com o filho dela. Todos eles fazem uma festa muito bonita. Festa do Divino é no mês de maio.

DANIEL – Quais são as festas mais importantes aqui do Ribeirão da Ilha?

CATARINA - Mais importante aqui é a Festa do Divino, no mês de maio. Depois tem a da Nossa Senhora da Lapa, em agosto. E a Semana Santa também dá muita gente por causa da encenação que elas fazem. Muito bonito. É bem movimentado mesmo, a festa toda.

DANIEL - Do que a senhora mais sente saudades?

CATARINA – Ah meu filho, sinto saudade da família, os que já se foram, das pessoas amigas que a gente tinha naquele tempo, a gente se dava bem e também já se foram. Saudades do tempo que passou, que não volta mais, da mocidade, a gente aproveitou muito naquele tempo. Tudo isso aí dá saudade pra gente, muita saudade mesmo, da família.

DANIEL – Antigamente, o pessoal gostava de contar história de lobisomem?

CATARINA - Sim, lobisomem tinha muito sim... Tinha um vizinho aqui embaixo que todo mundo dizia que era lobisomem, sabes? Porque ele se transformava. Morreu, se matou, tadinho. Mas o pessoal aqui falava muito mesmo em lobisomem... Com a graça de Deus nunca vi lobisomem na minha frente, mas o pessoal daqui sempre dizia que existia lobisomem. Existe!

DANIEL - Como era?

CATARINA - Diz que se transformava em bicho, era uma pessoa que se transformava em bicho, cavalo, macaco, diversos bichos... Eu nunca vi essa transformação não, mas o pessoal aí falava muito disso.

DANIEL – O pessoal também falava de bruxa?

CATARINA - Não, bruxa bem pouco. Bruxa era assim: a gente quando ganhava os filhos, sempre vinham ver a criança... Aí diziam pra mim: "- Catarina, quando uma pessoa vem todos os dias ver teu filho no mesmo horário, essa pessoa é uma bruxa." Mas eu não sabia o que era uma bruxa, eu dizia assim: "- Mas essa bruxa, como é?" "- Essa bruxa entra até pelo buraco da fechadura." Mas então, quem entra na minha casa não vai entrar pela fechadura, vai entrar pela porta pra ver meu filho! "- É, mas essa pessoa que vem todos os dias na mesma hora é bruxa." Diziam pra mim que embruxava as crianças: as crianças não queriam comer, ficava branquinha, magrinha, doente. Levava pra médico, o médico dizia que não existia doença nenhuma. Era embruxada que a criança ficava. Eu não acreditava muito nisso não, acreditava mais em quebrante. Porque mesmo sendo mãe, a gente gosta, estima muito. É dito por muita gente antiga que o quebrante do bem querer é pior do que a pessoa que se admira daquela criança, bota quebrante naquela pessoa, mau olhado que chama. Eu acredito mais nisso do que em bruxa e esse outro que falamos ainda agora, como é?

DANIEL – Lobisomem.

CATARINA - Lobisomem, isso mesmo, esse aí que é...

DANIEL – O que seria esse quebrante do bem querer?

CATARINA - Pois é, quebrante do bem querer é o seguinte: a gente estima muito aquela criança, principalmente os pais. Estima, cheira, beija e beija, que lindo, que lindo... A criança vai ficando doente, não quer comer. Aí chama uma benzedeira que sabe benzer de quebranto, vai benzer e logo fica boa. Arca caída também, se tu levares um filho pro médico com arca caída não adianta, porque ele diz que é uma pontada que a menina tem. Arca caída vem debaixo dos bracinhos da criança. É no jeito de botar a roupinha quando eles são pequeninhos, estica demais o bracinho pra botar uma blusinha... A arca da criança cai, aí fica só resmungando, gemendo, não quer comer, vomita. Tens que chamar uma pessoa pra ver se é arca caída. Bota de bruços, mede a mãozinha direita com o pezinho esquerdo. O pezinho esquerdo com a mãozinha direita. Se não tocar um no outro é porque é arca caída. Aí a gente chama uma benzedeira e benze. E fica boa. Isso tudo existe, sabe? E isso tudo aí eu acredito. Existe mesmo.

DANIEL - O que mais as benzedeiras curavam?

CATARINA - Arca caída, quebranto - que já falei-, zipra, zipela [erisipela] também eles benziam muito. Quando me dava dor de dente eu ficava com o rosto bem inchado. E sempre diziam: quando estiver com rosto inchado tu não lavas na água fria porque dá zipra. A zipra é um vermelhão que dava no rosto. Eu chamava uma vizinha que já faleceu há muitos anos. Ela vinha, me benzia de zipra. Ela vinha tantas vezes me benzer de zipra que aprendi com ela até a benzer de zipra. Hoje em dia eu benzo todo mundo que vem aqui! Sei benzer de tanto que escutava ela me benzer! Aí benzia também de zipra. Porque a zipra, fala na zipela, então já serve pra quem tem zipra e pra quem tem a zipela, sabes o que é? Dá na perna uma feridinha, fica com a perna toda roxa, às vezes é obrigada até a cortar a perna. Tem a zipela e tem o zipelão, é o pior de todos. São a zipra, zipela e zipelão, o zipelão que chega a cortar a perna. Isso aí que me lembro.

DANIEL - Muita gente procurava benzedeira?

CATARINA - Sim, muita gente... Eles vinham sem nada, não queriam cobrar nada. Tinha uma senhora que dizia pra mim: "- Eu gosto de um fumozinho pra fumar". Aquele fumo de corda, não era cigarro. Eu mandava comprar, antes de chamar ela já botava em casa esse fumo pra ela. Se perguntasse: "- Quanto é? "- Não, a gente não cobra nada em benzedeira. Pra benzer as pessoas a gente não cobra nada." Ela passava a mão no fumozinho enroladinho no papel, eu dava pra ela. Ela ia feliz da vida: "- Me chama a hora que tu quiser!" Não faltava hora pra ela vim, sempre vinha, já faleceu há muitos anos. Muito bom.

DANIEL – Você lembra como era uma reza de benzimento?

CATARINA - De zipra eu me lembro porque eu benzo o pessoal! Eu benzo sempre assim, quer ver? *Pedro Paulo veio de Roma, com Jesus ele encontrou. De onde vens, Pedro Paulo? Venho de Roma, senhor. Que é que há por lá? Muita zipra, muita zipela, muita gente morre dela. Volta, Pedro Paulo, vai curar. Com que se cura, senhor? Com a pena da galinha preta, com azeite da lâmina, com o pó da guia, com o nome de Deus e da Virgem Maria.* Depois tu rezas assim: A *zipra deu na pele, da pele deu na carne, da carne deu no tutano, do tutano foi pro mar. Peço a Deus, Nossa Senhora que a zipra não torne a dar.* Isso aí tu rezas tês vezes:

Com o nome de Deus e da Virgem Maria, amém. Faz três vezes a benzedura. A Paulina, nossa coordenadora dali [do grupo de idosos], quando está com zipra as netas, as noras, correm aqui pra casa pra benzer. Essa aí não esqueci não! *[Sorri]*

TATI – Ela benze até hoje, a dona Paulina?

CATARINA - Não, ela vem pra mim benzer. Ela traz os netos, as noras: "- Vai lá na Catarina, isso aí é zipra que tu estás." As filhas ganham neném, o peito enche muito de leite, os filhos não dão conta, as crianças que mamam, enche, fica tudo empedrado. "- É zipra que tu estás no peito." Vem aqui, eu benzo, duas vezes só elas já ficam boas.

TATI - E tem benzedeira hoje em dia?

CATARINA – Tem, mas elas são tudo doentes, são muito antigas. Tem uma aqui perto da minha casa, a Quinha, ela benze muito bem também, mas está muito doentinha. Tem outra aqui embaixo também, essa já vai fazer quase 90 anos. A outra tem oitenta e poucos, 88, 89 anos, uma coisa assim. Elas já não se atinam mais, não se lembram direito como é a reza. Não sabem mais direito, como é que vão rezar?

TATI - Eu queria saber também, a senhora comentou no começo, que não tinha ônibus... Quando começou a ter?

CATARINA - Quando eu tive minha primeira filha já começou a ter. Mas lá pra baixo, Caieira, Costeira, não tinha. Saía dali do Conselho Comunitário o ônibus. Saía dali pro Centro e vinha do Centro até ali, era o ponto final. Depois foi melhorando, trouxeram até lá na Caieira.

TATI - Esse que as pessoas falam, ia de manhã e voltava à tarde?

CATARINA - Voltava à tarde, isso aí. Iam e voltavam, paravam ali. Ali pegavam o ônibus de novo, quem queria ir pro centro. Quem morava aqui era perto, mas lá pra Caieira, pra Costeira já era mais difícil. Não era fácil, tinha que ir de lancha pra cidade, como falei pra ti, pegava um carrinho de praça pra ir.

TATI - A senhora teve a primeira filha em que ano?

CATARINA - 1966. Está com 51 anos a mais velha. O outro vai fazer 50 agora em maio, o segundo. O terceiro vai fazer 47 anos e a quarta fez 45. A outra, que é do segundo casamento, fez 35 anos.

DANIEL - Tinha muita parteira aqui?

CATARINA – Tinha... Naquele tempo, minha sogra falava muito, tinha umas três ou quatro parteiras. A minha sogra não ganhava filho na maternidade, era em casa. Mas não sei como não morriam naquela época. Era amarrado na cumeeira da casa pra nascer a criança. Tu vês, que tristeza! Ali cortavam o umbigo, não esterilizava nada, se esterilizasse era com álcool, alguma coisinha assim. Cortava o umbigo da criança e pronto, fazia o parto direitinho ali e não morria ninguém! *[Risos]* Entre mortos e feridos, tudo vivo!

DANIEL – A senhora chegou a andar em um desses? *[Mostra fotografia]*

CATARINA – Não. Eu andava era a cavalo, tinha cavalo na frente e carrocinha atrás. Cabia quatro pessoas. Isso aqui é um tipo de caminhãozinho, bonitinho, mas não me lembro se existia isso aqui na época. Naquela época não.

DANIEL - Queria saber, o pessoal fazia muita simpatia?

CATARINA - Ah meu filho, simpatia fazia um monte. Até hoje faço e acredito, sabes? Tem uma irmã que diz pra mim: "- Tola, tu não vai trabalhar porque dinheiro cai do céu!" Mas simpatia pra ter dinheiro não precisa cair do céu, me dando saúde dou um jeito. Boto simpatia dentro da bolsa, até hoje. Entrada do ano novo, não adianta que tenho que comer sete bagos de uva e guardar as sete sementes. E sete bagas de romã. Deixo secar, boto num saquinho e guardo na minha bolsa, fica o ano todo. Quando começa o ano novo boto aquele fora e o novo dentro outra vez. Todo ano faço isso. Não sei, é uma fé que a gente tem nessas coisas... Eu acredito muito... Toda entrada do ano novo tenho que comer lentilha, faço a sopa de lentilha, a família toda come, é muito bom. Entra o ano novo, tu comes lentilha porque é prosperidade. Então vamos lá... E tudo tem um sentido de alguma coisa que é pra melhorar na tua vida. Se é pra melhorar, vou fazer. A figa é pra não botar mau olhado. Minha filha, se mau olhado me pegasse já estava morta há muito tempo! *[Risos]* Eu acredito, sabe? Acredito muitas coisas de simpatia.

TATI – E Nossa Senhora da Lapa?

CATARINA - Nossa Senhora da Lapa é uma santa que é nossa padroeira. Pra nós aqui ela é tudo, sempre foi, desde quando foi fundado aqui. É muito boa, uma santa milagrosa, pra mim já fez milagre, já recebi graças dela. Depois tem Nossa Senhora Aparecida, a gente também pega muito com ela. Agora vou, em junho, pra pagar promessa. Estive muito doente ano passado, no mês de março, tirei pedra da vesícula e eu estava com infecção muito grande no sangue, na urina. Minha filha, essa que está comigo, essa solteira, fez uma promessa: "- A senhora se prepara para ir lá pagar promessa." Estou me preparando pra ir lá, se Deus quiser. A fé ajuda, se tu não tiver fé no santo, em Deus, em Jesus, quem seremos nós hoje em dia aqui nesse mundo? Se não for Jesus, Deus e Nossa Senhora. Nossa senhora é tudo pra nós, pra dar saúde, ter forças em tua vida. Pra ter paciência, porque hoje em dia, se tu não tiveres fé naquilo, tu não tens nada na tua vida. Tu não vai à frente, não adianta porque não tendo fé tu não és nada. Principalmente em Jesus, em Deus, ele ama os filhos dele, todos. E é nele que a gente chama todo santo dia, tudo é "meu Deus", "meu Jesus", a fé nele é tão grande que a gente não para nunca de chamar. Só Jesus, Deus e Nossa Senhora com todos nós.

DANIEL - A senhora frequentava ou frequenta as procissões?

CATARINA - Na época eu era filha de Maria, é a Irmandade de Nossa Senhora de Lourdes. Depois, com o tempo, a gente casa, sai da Irmandade porque é só quem é solteira. Tem agora a zeladora da Irmandade Sagrado Coração de Jesus, mas esse não sou. Nunca entrei na Irmandade, mas o Sagrado Coração de Jesus tenho no meu quarto, um quadro bonito, tenho muita fé nele. E Sagrado Coração de Maria também, são os santos milagrosos, santos que a gente tem confiança, a força que eles dão pra gente não existe, é muito grande. Eu era da Irmandade de Nossa Senhora de Lourdes quando era solteira. Depois não entrei mais em Irmandade nenhuma. Vou à missa, também sou meia relaxada *[Risos]*

Não vou todos os domingos. Elas dizem: "- Por que tu não vais a missa?" Quando és nova tu gostas de ir sempre à missa. Tu ganhas os filhos, vais levar os filhos pequenos pra igreja? Eles incomodam, começam a chorar. Pra ir à missa tu tens que entrar e sair, ver tudo que o padre diz, mas com criança, ou presta atenção no padre ou presta atenção no teu filho. Aí ganhei quatro, um atrás do outro, um ano e pouco já vinha outro. Fui perdendo aquela vontade. Hoje estão todos casados, a mais moça está com 35 anos, podia ter ido, mas me relaxo, não vou. Um dia me dá dor de cabeça, outro dia porque estou com dor nas pernas. Assim vai passando e a gente desanima, mas peço muito a Deus pra me dar força pra não desistir de ir à missa. De vez em quando vou, Festa da Lapa, do Divino Espírito Santo, da Semana Santa, muito lindo. Eu vou, sempre estou lá, com a graça de Deus.

DANIEL - Passava aqui na sua casa o Terno de Reis?

CATARINA - Sim, Terno de Reis passava sim, a Anita... Ela morava ali na outra rua, cantava muito, arrumava umas cinco ou seis [mulheres] e vinham cantar todos os anos. Era de Reis, dia seis de janeiro. Depois vinha de São Sebastião. Eram três: Reis, São Sebastião e tinha outro, não me lembro do último... Mas tinha de São Sebastião, ela cantava muito também de Reis e tinha uma porção de gente acompanhando. Agora estão cantando de novo, uma turma todo ano cantando Terno de Reis.

DANIEL - É emocionante receber?

CATARINA - É muito emocionante. Eles vêm, não querem nada, mas como eles pedem a oferta a gente acha que estão pedindo pra eles mesmos. Às vezes a oferta que pedem é assim: se tu tens uma cervejinha dá pra eles, um pão, um pedaço de bolo... Mas não é em dinheiro, eu, às vezes, dava dinheiro porque não tinha outra coisa, então pega um trocadinho pra comprar qualquer coisa... Eles ficavam muito contentes, não tinha uma casa que eles não passavam. Agora, hoje é escolhida a casa. Não é todas as casas, mas também, se for todas as casas vão à noite inteira e ainda não dá conta.

TATI - A senhora sabe quem vem hoje em dia?

CATARINA – Eu sei que lá em cima tem uma porção deles, moram lá pro Alto Ribeirão, já nem conheço mais. Naquele tempo era assim.

[Vê outra foto]

CATARINA - Aqui era a coroação de Nossa Senhora de Lourdes, filhas de Maria, essa que estou falando pra vocês, da Irmandade. A gente se vestia de anjo pra fazer a coroação da Nossa Senhora de Lourdes. Eu me vesti muito de anjo, mas não estou por aqui não. Muito bonitinhas! Acho que não era aqui na nossa igreja, esse senhor é de lá da Barra da Lagoa, de Santo Antônio de Lisboa, praquele lado, acho que é de lá. Não me lembro dele. Mas isso aqui era na coroação de Nossa Senhora de Lourdes. Nessa idade a gente se vestia de anjo pra coroar Nossa Senhora. Era tão lindo naquela época, agora não tem mais... Porque não tem mais filha de Maria também. Dessas coisas não tem mais. Agora tem só do Sagrado Coração de Jesus, fazem a coroação, parece que é dia 30 de junho. Eles cantam, Anita que coroava muito.

DANIEL - Ela cantava bem!

CATARINA – A Anita sim, cantava muito bem. De repente, deu um infarto e se foi. Não sentia nada e de repente foi se embora. O que é a vida da gente? A gente pensa que está muito bem, quando acaba, está pifando e não sabe! A vida é assim.

DANIEL - Pra senhora o que é memória?

CATARINA – Memória? Pra mim a memória, a gente fala muito: "Tu não tens memória." É juízo. Tudo que tu tens é lembrança, botar na tua cabeça as coisas que tu te lembras. A gente fala: "Hoje não me lembro mais daquilo ali." É porque não tem mais memória, eu penso assim, o que não tenho memória é porque não me lembro mais daquilo que se passou há muito tempo.

DANIEL - Você acha que é bom recordar?

CATARINA - Muito. Recordar é viver! Como era bom voltar pro tempo que era antes, meu Deus, não volta mais nunca. Isso é muito bom.

TATI - Hoje em dia, como é a vida?

CATARINA – Pra dizer pra ti: naquele tempo a vida era mais sacrificada. A gente criava os filhos muito pobres, hoje falo pra eles: "- Por que não é hoje que a gente deve ter os filhos pra criar?" A vida está melhor. A gente está melhor de vida pra poder criar eles. Naquela época era só na pescaria. Meu marido trabalhava, ficou doente, apareceu uma ferida nas pernas e dali foi a morte dele. Não chegou a cortar as pernas, mas criou água na barriga, problema de cirrose e não bebia. Porque muita gente diz que o que mata é a bebida, porque ataca o fígado e dá cirrose, mas ele não tomava bebida de álcool. Ele morreu com 43 anos. É assim: tu ganhas bem quando está trabalhando, na época era INPS, hoje é INSS. Aí já corta o salário inteiro, ganha uma mixaria. Não passa fome, mas necessidade sim. Eu com quatro filhos, eu e ele, era seis bocas. Comprava meio quilo de linguiça, ensopava pra todo mundo comer com pirão de feijão ou com arroz pra poder render. O ovo tinha que ser dividido a metade pra cada um. Pra poder cada um comer a metadinha do ovo com pirão. Hoje tem uma vida melhor... Ajudo, claro, tem que ajudar filhos, netos, estão precisando, ganham pouco, quem tem mais vai ajudando o outro. Mas naquele tempo era assim, a vida não era muito boa. Hoje é melhor.

DANIEL - Como fazia sem luz?

CATARINA - Fiz muita renda sem luz. Lamparina com querosene. A gente botava em cima de um caixotinho, sentava bem em frente, fazia renda assim, com querosene. Botava pendurada na parede pra clarear a casa, coisa ruim, coisa triste. Ainda bem que eu só passava assim quando faltava luz. Mas desde quando me casei sempre tive luz na minha casa. Quando faltava a gente usava essa lamparina. Tenho um filho que vai fazer cinquenta anos agora, desde pequeno eu levava ele pro médico. O médico dizia pra mim que não tinha mais doença nenhuma, porque não tinha mais remédio nenhum que desse pra ele. Quando chegou o ultimo vidro de remédio que ele receitou, fui ver era da lamparina, da luz que a gente dormia de noite. Quando eu acendia ele batia uma tosse, a espirrar. Descobri que era alergia daquilo ali. Aí parei, não usei mais, o rapaz nunca mais ficou doente. Cresceu, casou, está com cinquenta anos, bem dizer. Não ficou mais doente.

DANIEL - A senhora gosta de morar no Ribeirão da Ilha?

CATARINA - Gosto meu filho! O que vou te dizer? Estou há 72 anos morando aqui, nasci, me criei, casei, estou ficando velha no mesmo lugar. Gosto muito!

TATI - Como a senhora define aqui hoje?

CATARINA - Sobre o quê?

TATI - Sobre como é o Ribeirão...

CATARINA - O Ribeirão hoje era pra ser bem melhor do que é. Era pra ter uma farmácia mais perto. Era pra ter creche, aqui não temos. A gente criou os filhos sem botar na creche porque não tem, até hoje não tem creche. Toda vida teve a nossa igreja. Açougue também não tem aqui por perto. São essas coisas de necessidade que a gente achava que deveria ter. O que acontece? Aqui é assim: se tu botas uma farmácia, o pessoal vai pro centro, vai pro médico, de lá já passa na farmácia, já traz o remédio, aqui não é vendido. Não querem botar por esse motivo. Às vezes tem um remédio em cima da hora, a gente sente uma dor de cabeça, não tem remédio em casa, uma dor de dente, não adianta que eles não botam. Açougue é o mesmo. A não ser no supermercadinho que tem uma carninha pra se comprar. Mas açougue mesmo não tem. Peixaria sempre tem porque os pescadores já botam em casa pra vender, matam peixe demais, guardam, o pessoal procura pra vender. Peixe já come-se à vontade, tem bastante pra comprar mesmo, camarão...

DANIEL - Antigamente passava bastante carro?

CATARINA - Se tinha movimento de carro? Antigamente não tinha, meu filho, passava um agora, depois de cinco, seis horas passava outro... Esse pedacinho aqui que eu moro era só bambuzeiro. Não tinha casa, não tinha nada. Tinha uma casinha aqui, outra lá bem rarinha. Compravam o terreno e hoje está bem movimentado, tem bastante casa esse pedaço aqui. Pra vir pra cá era um medo porque não tinha luz, eu tinha um namorado que morava ali pra frente *[Risos]* Se eu viesse, a mãe metia o pau porque achava que eu ia atrás de namorado nos escuros... Não deixava sair de jeito nenhum! Não falava com o namorado... Mas era muito bom, naquele tempo, quando a gente se criou, era muito divertido. Depois a gente casa, tem filhos, para de sair porque os filhos vão crescer... Quando ganha um filho ou dois ainda dá, mas quando pega quatro... Como eu, tive quatro pequenos, um atrás do outro, não deu de sair. Mas estou muito contente, muito feliz pelos filhos que tive, tenho até hoje. Eles não saem aqui da minha casa, um mora nos Ingleses, outro na Palhoça, mas eles não saem daqui, me procuram muito, estou muito feliz com meus filhos, com a graça de Deus.

DANIEL - É importante esse movimento do grupo de idosos se encontrar?

CATARINA - É importante porque ajuda a gente. Tu vês, toda quarta-feira a gente se reúne, vamos pra lá. Ali a gente conversa, uma conta uma coisa, novidade. Agora, de uns anos pra cá a Prefeitura não deu mais nada, antes dava até professora pra ensinar a fazer crochê, pra bordar, costurar, tinha tudo. Mas é como digo pra vocês: tudo com o tempo se acaba. Hoje em dia não tem mais isso, a Prefeitura não dá mais nada... A gente conversa, pede a ajuda delas, marca pra três trazerem, cada semana, um lanchezinho pra nós. Compra com nosso dinheirinho mesmo dali, a gente paga todos mês mensalidade. Compramos açúcar, leite - o café a gente faz -, e um bolinho, um pão que faz pra levar. A gente mesmo faz e leva pra poder ajudar. Depois toma o café, joga o bingo... Já é um divertimento, uma distração pra ajudar a cabeça da gente, está marcando ali, pra não perder... Porque vai ficando mais de idade, vai ficando esquecida de certas coisas, então aquilo está envolvendo a gente. É muito bom, a gente brinca, diz as coisas, um diz uma coisa daqui, outra de lá... Vai passando a tarde e a gente vai se divertindo junto. Quando chega no mês de maio a gente inventa um passeio. Mês de agosto, setembro, a gente passeia, arruma um pessoal da comunidade pra ajudar, porque só nós não tem como. Só o

ônibus está caro, então a gente arruma um pessoal de fora. Bota tudo dentro do ônibus, faz um passeio. Sempre aonde vamos tem que ter baile, se não tiver elas não querem. Baile pra dançar bastante. Aí todo mundo vai, a gente arranja um restaurante bom pro almoço, umas lojas boas - querem loja também pra trazer traquinada! Então divertimos muito, é muito bom mesmo! A gente às vezes pensa de acabar, porque estávamos com 42 pessoas, estamos só com dezenove. Vão ficando doente, vão desistindo, estamos com dezenove pessoas. Mas a gente está fazendo milagre pra estar passeando e se divertindo, isso não acaba!

TATI - Aqui tem baile hoje em dia?

CATARINA – Tem, o Canto do Rio tem um bailão. Agora, Carnaval, eu não fui, mas minha filha foi, disse que estava muito bom. Todo mês fazem um baile muito bom aqui perto. Eu não vou porque o maridão não é muito de baile, gosta de ficar mais sentado. Então pra estar dormindo na mesa eu não vou. Não posso perder uma música, toda vez que canta eu quero dançar, ele não sabe dançar. Ele sabe, mas é mais paradão, eu sou mais alvoroçada pra dançar. Música boa pra dançar mesmo é comigo, vanerão, gosto muito de dançar, mas ele é mais paradão, então ficamos em casa, pronto. Ninguém dança! *[Risos]*

DANIEL - Essa rua sempre foi calçada?

CATARINA – Olha, na época era de chão, quando eu me criei era chão. Depois botaram lajota, calçaram, agora há pouco tempo, acho que faz dois anos, mais ou menos, eles botaram essa outra, aí ficou muito bom.

DANIEL - Era muita poeira antigamente?

CATARINA – Tinha muita poeira e barro. Meu filho, Deus o livre, passava um carro... Os carros que passavam era aquele jipe, aquelas coisas bem antigas, fazia uma poeirada. Quando estava muito seco fazia aquelas poeiras, a gente tinha que trancar a casa toda porque era coisa medonha de barro, entrava bastante poeira. Depois, com o tempo vai indo, as coisas melhoram, não é? Agora a vida é melhor. Na época nossa, água era pote na cachoeira, tomava banho na gamela. Tu sabes o que é? De madeira, depois era de alumínio, tomei muito banho na banheira de alumínio! Credo, que banho! Depois os banhos dos filhos era na banheira. Agora, hoje em dia a gente pode dizer que é rica. Porque tu tens a tua água dentro da tua casa, tens o teu chuveiro pra tomar banho à vontade, mas naquele tempo era mais difícil, a água era de cachoeira. Muitas vezes eu vinha do baile, eu era muito assanhada - gostava muito de baile-, ia numa festa, começava a dançar, no melhor do baile, que eu estava já namorando, gostando de alguém, tinha que vir embora. Porque tinha que pegar, eu mais minha irmã, aqueles potes de barro da cachoeira pra trazer pra casa e no outro dia minha mãe fazer o café, lavar a louça ao meio dia, num alguidar de barro que tinha. Foi assim nosso tempo. Depois a coisa vai melhorando, compra uma piazinha, bota uma torneira de água dentro de casa, chega no ponto que está hoje. Com a graça de Deus, ainda bem que as coisas vão melhorando. Por isso que digo: tudo é mais difícil no começo. Até pra criar os filhos, depois de estar tudo criado as coisas ficam mais fáceis, vai melhorando a vida e a gente fica melhor. Pra tudo fica bom.

DANIEL – Pra senhora, o que é a vida?

CATARINA - A vida pra mim é saber viver... Porque se tu não sabes viver, a tua vida nunca vai ser boa. Tu tens que ser uma pessoa simpática, tens que saber viver com a outra. Embora tu vivas com a pessoa que não gostas muito porque essa pessoa, em vez de botar pra cima só bota pra baixo, mas tu tens que conviver com aquela pessoa. Tens que ter

paciência e saber tocar tua vida do jeito que ela é. Hoje tua vida está ruim, se tu souber levar muitas coisas contigo a tua vida vai muito bem. Tudo vai melhorar. Tu vais ter sorte na vida. Tudo que tu olhar vais olhar na maravilha, cheia de flores, não existe espinho. Isso é se tu souberes viver a vida. A vida nossa é tocada pelo nosso espírito de coração e alma. Se tu não souber ser uma pessoa boa aqui, tu nunca vai saber viver a tua vida. Nossa vida vem do coração, as coisas boas da vida. Isso que é a vida. Penso que nossa vida tem que ser assim: cheia de alegria, saúde, ter muita paz com a família, os amigos, com as pessoas que batem na nossa porta. Tem que ser bem simpática. "- Ah, mas por que tu abres a porta pra todo mundo?" Não me interessa. Eu abro a porta porque bateu na minha porta, alguma coisa quer. Estou sabendo quem é. Eu não me retiro de perto, quando não conheço, fico perto da pessoa. Quando quer um copo d´água, não vou negar, vou buscar água, vou num pé volto no outro. Mas sempre com aquela simpatia com a pessoa mostrando agrado. Acho muito triste estar com a pessoa conversando e eu sendo uma pessoa bem aberta, conversadeira e aquela pessoa por trás fala de mim. Então isso aí é uma pessoa que traz rancor, não leva nada da vida dela. Ela não é simpática, não leva nada da vida, a vida dela só vai a pior. Porque se tu souberes tocar tua vida, vais sempre ser uma pessoa muito amada por todos. Muito mesmo, todo mundo vai te amar, gostar de vocês. Mas existe ainda muitas pessoas diferentes da gente. Fazer o quê? Deus não agradou a todos, não é a gente que vai agradar. Não é isso?

DANIEL - Muito obrigado, excelente!

CATARINA - Está bom, querido, isso tudo? *[Sorri]* Desculpe a falha, desculpe alguma coisa se eu não soube explicar... O que pude ajudar você é nisso aí. Está bom?

DANIEL - Muito obrigado!

CATARINA - De nada, queridos!

[Fim da entrevista]